

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15349 - Resumo Expandido - Trabalho - 5ª Reunião Científica Regional da ANPEd Norte (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 20 - Psicologia da Educação

DAS QUEIXAS ESCOLARES E PRÁTICAS (NÃO) MEDICALIZANTES AO FAZER DOCENTE: ALGUMAS PROBLEMATIZAÇÕES DE UMA PESQUISA-CAMINHO-INTERVENÇÃO EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE PORTO VELHO

Franciele Pereira dos Santos - UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

Rafael Christofolletti - UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

DAS QUEIXAS ESCOLARES E PRÁTICAS (NÃO) MEDICALIZANTES AO FAZER DOCENTE: ALGUMAS PROBLEMATIZAÇÕES DE UMA PESQUISA-CAMINHO-INTERVENÇÃO EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE PORTO VELHO

RESUMO: O estudo apresenta um recorte de uma pesquisa de mestrado desenvolvida em uma escola pública municipal, localizada em Porto Velho-RO, entre os anos de 2022 e 2023. A pesquisa objetivou investigar queixas escolares, processos de medicalização e o fazer docente. Trata-se de uma pesquisa-caminho-intervenção, da qual participaram sete professoras, duas orientadoras educacionais e duas supervisoras, todas com formação em Pedagogia, atuando no serviço público municipal há mais de cinco anos. Os procedimentos metodológicos envolveram levantamento documental, entrevista e rodas de conversa. Neste recorte, consideram-se reflexões inerentes às queixas, funcionamentos escolares e processos de medicalização na escola. Os resultados apontaram a falta de informações sobre possíveis processos de patologização na escola, onde tais processos, muitas vezes, são usados como justificativa para a resolução de “problemas” ou para sugestões de idas aos médicos, contribuindo para práticas medicalizantes. Assim, urge compreender a necessidade e a importância da construção coletiva de estratégias não medicalizantes e de se pensar a saúde mental do docente.

Palavras-chave: Queixas escolares. Medicalização. Saúde mental.

Introdução

A proposta de uma pesquisa para investigar as queixas escolares se tornou um desafio, especialmente por ter sido realizada no período em que estávamos nos readaptando ou buscando estratégias para lidar com as reverberações da pandemia da Covid-19 na educação de todo o mundo e, neste caso específico, na região norte do Brasil. Nesse contexto, falar de queixas escolares nos levou a questionamentos sobre as dificuldades de aprendizagens e comportamentos dos estudantes de uma escola municipal, na cidade de Porto Velho.

Desse modo, a pesquisa enfocou as queixas escolares, na intenção de compreender como essas demandas ultrapassam a identificação de problemas relacionados às expectativas de aprendizagem, bem como aqueles classificados como problemas de comportamento.

Assim, aliada ao tema das queixas escolares e fazendo uma conexão com a experiência e conhecimentos que envolvem a problemática da medicalização da educação, consideramos a medicalização e, principalmente, as estratégias não medicalizantes na escola como um dos pilares da pesquisa, fundamentadas em leituras que mostram a incidência de

relacionar as dificuldades de não aprender a patologias e práticas que culpabilizam e responsabilizam os estudantes e suas famílias pelo fracasso escolar.

Entendemos que, ao tratar das queixas escolares, precisamos agir com moderação, para não incidir em atitudes que responsabilizem o estudante pela não aprendizagem. O fracasso escolar é atravessado por diversas questões, inclusive as relacionadas às condições sociais e culturais dos estudantes, embora nem sempre o tema tenha sido abordado dessa forma. Segundo Gomes e Pedrero (2015, p. 1241),

Historicamente as explicações e análises para o fenômeno do fracasso escolar se voltaram para capacidades e processos internos daquele que aprende, desconsiderando o ensino, os mecanismos e funcionamentos escolares que interferem na relação entre o ensinar e o aprender.

Viégas (2016, p. 16) aponta que, “[..] ao desconsiderar as múltiplas determinações do fracasso escolar e focalizar apenas nos aspectos individuais, psicólogos atuam em uma perspectiva medicalizante”. Assim, é fundamental compreendermos os fatores que colaboraram para o insucesso escolar, conhecer seus respectivos campos de produção, para que possamos nos libertar de uma lógica que nos leve a pensar somente na individualização dos estudantes.

Na perspectiva medicalizante - e procurando firmar a hegemonia dos conhecimentos médicos em questões sociais e políticas-, o termo ‘medicalização’ foi se tornando mais frequente, especialmente no contexto educacional, uma vez que se procurava encontrar os motivos que ocasionam as dificuldades de aprendizagem, o fracasso escolar, padrões de comportamentos considerados inadequados na escola; houve uma patologização dos fenômenos, reduzindo-se unicamente a questões individuais (Guarido, 2010).

Nesse contexto de problematização de queixas escolares e medicalização, de caminhares e deslocamentos na escola, esta pesquisa-caminho-intervenção foi constituída a partir dos diferentes caminhos percorridos pela escola e dos deslocamentos por ela proporcionados.

O referencial teórico do estudo tem aporte nas contribuições de autores como: Gallo (2002; 2003); Sousa (2007); Viégas (2019); Dazzani (2014); Veiga-Neto (2020); Lemos (2020); Galindo (2016); Corraza (2008), Larrosa (2002); Marques (2021), entre outros.

Como objetivo geral, buscamos investigar as concepções e ocorrências de queixas escolares e dos processos de medicalização, bem como o fazer docente relacionado a essas temáticas em uma escola pública municipal em Porto Velho-RO. Os objetivos secundários foram: identificar as queixas escolares mais frequentes; realizar levantamento e análise de documentos e instrumentos utilizados pela escola em relação às queixas escolares; problematizar os funcionamentos e direcionamentos dados às queixas escolares; produzir material didático que contribua para o desenvolvimento de práticas não medicalizantes na escola.

A pesquisa se mostrou relevante não apenas para as participantes, que atuaram diretamente no cotidiano da escola, mas também para toda a comunidade escolar, haja vista que a identificação e delineamento das queixas podem viabilizar estratégias para a problematização das demandas, além do conhecimento e reflexões acerca da medicalização na educação.

Método

Buscamos realizar uma investigação participativa, de maneira coletiva, visando proporcionar transformações sociais na realidade investigada (Aguiar; Rocha, 2007). Assim, optamos pela pesquisa-intervenção, por seu aspecto inventivo e desnaturalizador, que possibilita direcionar condutas sem conceitos pré-definidos e viabiliza a condição de compartilhamento dos trabalhos.

A pesquisa foi realizada em uma escola municipal, localizada na área urbana do município de Porto Velho, organizada em duas unidades de ensino, denominadas Escola Sede e Escola Extensão. O objetivo de realizar a investigação nas duas unidades foi construir coletivamente o delineamento das queixas escolares apresentadas em seus diferentes contextos, visto que a Sede atende a estudantes da Educação Infantil até o 2º ano do Ensino Fundamental e a Extensão atende estudantes do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

Com auxílio das supervisoras, por meio do grupo de *WhatsApp* das docentes das duas unidades, as educadoras foram convidadas a participar da pesquisa. Então, nosso estudo contou com a participação de sete professoras, duas orientadoras educacionais e duas supervisoras. Todas as colaboradoras têm formação em Pedagogia, sendo duas professoras em readaptação na função de orientadoras, portanto, em desvio de função. Todas atuam no serviço público municipal há mais de cinco anos e são servidoras em cargos efetivos.

Inicialmente, entrevistamos as orientadoras escolares (uma de cada escola), de maneira presencial, nas escolas. A entrevista se constituiu de perguntas abertas, de modo que as participantes puderam expor suas concepções sobre as queixas escolares e sobre sua atuação no Serviço de Orientação Escolar (SOE). Posteriormente, procedemos levantamento documental, para conhecer os registros das demandas que chegavam ao SOE, nos quais as professoras informavam o motivo pelo qual o aluno estava sendo encaminhado; isso poderia incluir baixo rendimento, não fazer atividades de casa ou indisciplina na sala de aula.

Completando as linhas que tecem os instrumentos de coleta de dados, realizamos rodas de conversas envolvendo os temas pertinentes ao estudo: as principais queixas escolares no cotidiano da escola no período pandêmico e processos de patologização e medicalização do ensino. Participação das rodas as docentes, as supervisoras e as orientadoras de cada escola.

Resultados

O delineamento das queixas escolares foi produzido na construção coletiva da pesquisa, visto que as queixas escolares foram geradas a partir dos diversos contextos, na escola e fora dela, refletindo as lutas diárias dos professores, as dificuldades das famílias, as consequências das lacunas deixadas e potencializadas pela pandemia de Covid-19 e a invisibilização da educação por parte do governo. As queixas escolares não são dificuldades inerentes à escola ou dos estudantes e suas famílias. São demandas que envolvem toda a sociedade, pois os fatores que contribuem para tais queixas podem ser gerados fora do ambiente escolar e com influências de várias instituições sociais.

Discussões

Nesse sentido, as queixas escolares apresentadas na escola e evidenciadas no levantamento documental e rodas de conversas apresentaram fatores que nos levaram a pensar na educação como um contínuo cordão de forças, que, quanto mais puxado de um lado, mais difícil fica o equilíbrio do outro. Enquanto se busca responsabilizar a família ou os docentes pelo baixo desempenho dos estudantes, por exemplo, mais cresce o problema da falta de estratégias eficientes para identificação das lacunas e minimização das dificuldades.

Para um possível delineamento das queixas escolares, levamos em consideração as características de cada unidade de ensino; tanto na Escola Sede quanto na Escola Extensão as queixas escolares apresentadas eram identificadas e estavam relacionadas aos comportamentos dos estudantes, incluindo-se a infrequência escolar; e, em alguns casos, por motivos como doença e deslocamento até a escola, entre outros.

As rodas de conversas tiveram o objetivo de promover discussões acerca dos processos de medicalização e patologização no ensino. Nessas conversas, observamos que as docentes participantes não tinham conhecimento sobre conceitos de patologização e medicalização, bem como das possibilidades de essas práticas se desenvolverem no ambiente escolar.

Diante dos elementos encontrados, percebemos que as queixas escolares são influenciadas pelos funcionamentos escolares e que a pandemia da Covid-19 reverberou em diversos aspectos, porém não foi determinante, considerando-se que assuntos como a infrequência escolar, o próprio fracasso escolar, a violência na escola e a busca de estratégias curriculares eficientes sempre estiveram em voga.

Conclusões

Não devemos confundir esses atravessamentos sociais em relação às queixas escolares com as dinâmicas dos processos de patologização e medicalização no ensino, pois tendemos a reduzir algumas questões sociais e coletivas em patologias dentro da escola. A pesquisa

revelou a falta de informações sobre os possíveis processos de patologização na escola, onde tais processos estão impregnados, às vezes, como justificativa para a resolução de “problemas” ou, sutilmente, a sugestões de idas aos médicos, contribuindo para as práticas medicalizantes.

Assim, em meio às queixas e funcionamentos escolares, a figura do(a) profissional docente é fundamental, pois ele(a) se revela, muitas vezes, como o(a) indicador(a) da queixa escolar, viabilizando uma maneira de encaminhamento dessa queixa ao SOE; diante disso, há necessidade de estratégias também para o trabalho com o corpo docente, como formações continuadas, cursos e aprimoramentos. A saúde mental do profissional docente deve ser levada em um nível de extrema importância, pois as condições em que viveram muitos professores(as) no decorrer da pandemia certamente muito reverberam nas suas estratégias em sala de aula.

Referências

- AGUIAR, Katia Faria; ROCHA, Marisa Lopes da; Micropolítica e o exercício da pesquisa intervenção: referenciais e dispositivos em análise. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 2007, 27 (4), 648-663. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/ggt9ktnF6X7mVWygJQCk8DC/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 27 out. 2021.
- DAZZANI, Maria Virgínia Machado *et.al.* Queixa escolar: uma revisão crítica da produção científica nacional. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 18, n. 3, Set./Dez. 2014, p. 421-428. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/xJJ8bKV6zB3jZ9DhHk6n6VD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 jul 2022.
- GALINDO, Dolores *et al.* Medicalização e governo da vida e subjetividades: o mercado da saúde. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 16 n. 2 p. 346-365. 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/29164/20606>
- GALLO, Silvio. **Deleuze & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- GALLO, Sílvio. Em torno de uma educação menor. **Educação & Realidade**, 27(2) 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoe realidade/article/view/25926>. Acesso em: 23 ago. 2022.
- GOMES, Cláudia Aparecida Valderramas; PEDRERO, Jennifer do Nascimento. Queixa escolar: encaminhamentos e atuação profissional em um município no interior Paulista. **Psicol., Ciênc. Prof.** (Impr.) 35 (4), dez. 2015 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/jgrBkdq79rsMqs7TVV9k59G/?lang=pt>. Acesso em: 05 out 2022
- GUARIDO, Renata. A biologização da vida e algumas implicações do discurso médico sobre a educação. In: CONSELHO Regional de Psicologia de São Paulo (Org.). **Medicalização de crianças e adolescentes: conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doença de indivíduos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. p. 30-45. Disponível em:

<https://scirp.org/reference/referencespapers.aspx?referenceid=1414276>. Acesso em: 19 jul. 2022.

LEMOS, Flávia Cristina Silveira *et al.* Medicalização e normalização da sociedade. **Polis e Psique**, 2020; 10(3): 77-97. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpps/v10n3/v10n3a05.pdf>. Acesso em: 23 set. 2022.

MARQUES, Ronaldo. O professor em trabalho remoto no contexto da pandemia da covid-19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 6, n. 16, p. 06–14, 2021. DOI: 10.5281/zenodo.4642898. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/271>. Acesso em: 05 jun. 2022.

MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso; COLLARES, Cecília Azevedo Lima. **Produção do fracasso escolar e medicalização da infância e da escola**. 2010, p. 43-70. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/173125/001061567.pdf?sequenc e=1#page=43>. Acesso em: 17 ago. 2022.

SOUZA, Beatriz de Paula. Funcionamentos escolares e produção de fracasso escolar e sofrimento: In: SOUZA, B. P. (Org.). **Orientação à queixa escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, p. 241-277.

VEIGA-NETO, Alfredo. Mais uma lição: sindemia covídica e educação. Seção Temática: as lições da pandemia. **Educação & Realidade**. 45 (4), 2020.

VIÉGAS, Lygia de Sousa. Novos modos de atendimento à queixa escolar. **Conversações em Psicologia e Educação**. Comissão de Psicologia e Educação do CRP-RJ [Org.]. Rio de Janeiro: Conselho Regional de Psicologia, 5ª Região, 2016